



Estudo para uma antologia crítica de crónicas jornalísticas de autores portugueses do século XX

Ruth Navas

Ensaísta¹

PALAVRAS-CHAVE: CRÓNICA, ANTOLOGIA CRÍTICA, PEDAGOGIA.

KEYWORDS: CHRONICLE, CRITICAL ANTHOLOGY, PEDAGOGY.

Um dos aspectos mais interessantes que nos fazem pensar na organização de uma Antologia Crítica de Crónicas do Século XX, é, sem dúvida, a relevância da Crónica para a formação de leitores críticos e participativos na sociedade contemporânea.

Mais do que organizar um volume com textos dos autores representativos da crónica contemporânea, importa despertar o leitor para esta forma de *narrativa jornalística* explorada por autores da literatura portuguesa, invariavelmente associada às histórias do quotidiano, aos comentários não ficcionais e às reflexões mais pessoais, centradas nas memórias e episódios do passado. Por um lado, a crónica do século XX traduz uma prática de escrita na imprensa e comunicação social (ou *media*), por outro, exemplifica as variantes de uma narrativa (ficcional ou não-ficcional) recriadas pela exigência comunicativa dos meios de informação. Neste aspecto, aconselha-se a consulta dos dois volumes do *Dicio-*

¹ Professora do Ensino Secundário, co-organizadora de uma Antologia de Crónicas de Maria Judite de Carvalho: *Este Tempo* (1991) e de um volume de textos jornalísticos de Maria Judite de Carvalho: *Diários de Emília Bravo* (2002).

nário da *Imprensa Periódica Literária Portuguesa do Século XX* (1900-1940) e (1941-1974), organizados por Daniel Pires. Neste Dicionário foram incluídos nomes de autores com obra de ficção, ensaio e crítica que escreveram artigos e crónicas para inúmeros boletins, revistas periódicas e jornais de informação geral.

Existem poucas compilações actualizadas e organizadas na perspectiva da leitura crítica. Contudo, despontam algumas edições recentes e que devem ser entendidas como *Documentos Pedagógicos* para a formação do leitor participativo. Neste sentido, pela relação que se poderá eventualmente estabelecer entre a crónica e o conto, convém chamar a atenção para a primeira *Antologia Crítica do Conto Português, Séculos XIX-XXI* (Rocheta e Martins 2006). Esta compilação revela-se inovadora pela selecção dos autores, mas, sobretudo, pela organização: o conto de autor pode ser lido na íntegra e logo de seguida apresenta-se uma interpretação lógica e coerente da narrativa.

Devido às múltiplas opções na selecção de textos, a organização de um livro de crónicas revela-se mais complexa. Na realidade assistimos, na maior parte dos casos, às compilações elaboradas pelos autores, mas também, se registam crónicas, ainda dispersas pela imprensa escrita e pelas gravações das emissões radiofónicas de diversas épocas. Contudo, quer as colectâneas de autor, quer as organizadas por estudiosos, todas apresentam critérios selectivos em conformidade com os interesses de divulgação do mercado livreiro e editorial bastante heterógeneo e complexo (Medeiros 2010).

Neste sentido, o volume das *Crónicas Jornalísticas do Século XX* (Venâncio 2004), deixa transparecer uma rara tentativa de disponibilizar um número avultado de textos: a compilação aponta para uma visão global e abrangente da produção cronística portuguesa. Apesar da omissão de autores fundamentais (como por exemplo Manuel da Fonseca), o leitor terá acesso a uma selecção de cronistas que também foram críticos literários, historiadores, realizadores de cinema, gráficos e ilustradores de jornais diários, revistas e locutores das emissões radiofónicas.

Ao reunir as cem crónicas publicadas, de 1900 a 2000, a compilação presta uma homenagem ao *ouro crónico*, evidenciando a emergência de uma narrativa jornalística com vista ao domínio de processos de escrita de fácil e rápida leitura, centrados na realidade urbana ou actualidade noticiosa².

No prefácio, o compilador apresenta os critérios que presidiram à elaboração do livro. A organização obedeceu à ordem cronológica da data de publicação do texto retirado do jornal, revista ou volume da obra do autor e a selecção evidencia uma preocupação pela

² Ao longo do século, os autores portugueses nunca deixaram de comentar o caso jornalístico ou o acontecimento quotidiano, ora a partir de um comentário, aproximando a crónica ao texto de ensaio, ora inserindo o acontecimento numa breve história ou conto.

diversidade geográfica, temática e ideológica. Apesar da compilação ter a intenção de dar conta da produção cronística ao longo do século XX, o compilador elucida que privilegiou os anos 60 como “anos de elite”, assim como, a fase do pós 25 de Abril de 1974, em que a crónica surge com uma “nova estética”. Por razões de espaço excluíram-se alguns nomes dos cronistas que escreveram para jornais durante o primeiro quartel do século XX e aqueles que nasceram após 1964.

Contudo, chamamos à atenção para a ordem com que os cronistas foram apresentados no volume, pois, não significa que a data de publicação da crónica represente o lugar do autor na história da cronística do século XX, ou, que a crónica seleccionada exemplifique a variante cronística mais cultivada pelo autor. Nessa perspectiva, os volumes da obra completa serão mais elucidativos, pois oferecem uma outra leitura, porventura mais coesa e coerente sobre a produção geral do autor.

Por outro lado, dada a diversidade de cronistas, o leitor é alertado para a classificação adoptada na recolha, a saber: *a crónica política, a crítica de costumes, o episódio quotidiano, a crónica cultural e, ainda, a crónica sobre a crónica*. Assim, independentemente dos termos escolhidos, podemos verificar que as narrativas breves, ficcionais, de opinião e de crítica directa são uma presença constante ao longo do século. Basta consultar os volumes publicados no período da 1ª República, como a de Carlos Malheiro Dias, (*Zona de Tufões*, 1912 e *A Verdade Nua*, 1920); André Brun (publicação de 1923) ou Norberto de Araújo (*Miniaturas*, 1920).

De facto é evidente a dificuldade do compilador na selecção dos autores e dos textos. A mesma dificuldade terá certamente o estudioso que queira organizar uma Antologia de Leitura Crítica de Crónica como *Documento Pedagógico*, na medida em que as opções de leitura orientada dependem da própria selecção de textos.

Com base nos estudos recentes sobre a história da comunicação social em Portugal, que nos elucidam sobre os condicionalismos políticos que limitaram as práticas de escrita jornalística (nomeadamente a censura prévia), é possível verificar na imprensa diária o desenvolvimento de uma nova prática jornalística, cada vez mais crítica e argumentativa, oferecendo outros pontos de vista à actualidade transmitida pelos órgãos de informação (Correia e Baptista 2007)³.

Da compilação despontam crónicas que nos confirmam o novo jornalismo praticado nos finais dos anos sessenta e que claramente remetem para um dos momentos chave da história da narrativa jornalística. Este período concentra experiências de escrita que esta-

³ Este facto foi evidenciado por Venâncio quando se refere “à animação colectiva em finais de 60”, no *Diário de Lisboa*.

belecem de uma forma mais directa a relação da Crónica com outros Textos da comunicação social. A crónica apropria-se de uma *sintaxe cidadina* (como diria José Cardoso Pires) que reforça uma retórica argumentativa já cultivada pelas experiências realistas nos vários domínios artísticos. Nesta perspectiva importa destacar que o novo jornalismo desenvolvido pelos autores dos anos sessenta, traduz uma matriz argumentativa assente na frase ou sequência criativa e expressiva, reproduzindo efeitos que lembram, por exemplo, o instante fotográfico do repórter do quotidiano, ou o *travelling* da reportagem filmica.

Assim, propomos que o estudo para a organização de uma Antologia Crítica contemple outros textos associados à história da comunicação social, nomeadamente a fotografia e o cinema de reportagem. Há que procurar as estratégias que aproximam o registo cronístico às outras práticas que experimentaram a crítica à realidade. Nesta sequência, aconselhamos a leitura do livro *Esta Estranha Lisboa*, com textos de Urbano Tavares Rodrigues e fotografias de Eduardo Gageiro. Este volume, publicado em 1972, apresenta variantes da narrativa jornalística: desde o conto, à história na primeira pessoa, à breve reportagem crítica e informativa. Todas elas exemplificam os contrastes, a miséria e a pobreza na e da cidade de Lisboa. O texto fotográfico, a preto e branco, representa um outro procedimento retórico, pois ilustra claramente o realismo a vários níveis - o que se "ouve", o que se "vê", o que se "pensa e escreve".

A selecção de textos para a Antologia Crítica não pode ignorar a história da comunicação social na escrita e no desenvolvimento de um discurso argumentativo, progressivamente mais elaborado. Nesta sequência podemos dizer que ao longo do século XX e XXI o autor jornalista, com a criação literária, experimentou novas narrativas jornalísticas e com o novo jornalismo experimentou outros processos de escrita para a criação literária.

Na visão pedagógica abre-se o caminho para uma orientação de leitura mais complexa. Como vimos a selecção de textos não pode estar dissociada dos cronistas que contribuíram para os processos argumentativos assentes na nova retórica da comunicação, pois com o ponto de vista do cronista, reforça-se o compromisso ético, ideológico ou social inerente ao acto de escrever uma história ou comentário mais crítico. Nesse sentido, a narrativa jornalística aponta para processos de construção do novo jornalismo literário.

A Antologia Crítica deve ser, por estas razões, organizada em função de critérios pedagógicos que favoreçam o desenvolvimento do pensamento crítico. Contudo, a falta de informação e de referências sobre as diversas realidades, que balizaram o quotidiano citadino e os acontecimentos noticiosos, podem dificultar a leitura e a reflexão em torno do ponto de vista do cronista e da sua argumentação. Nesse sentido, o *corpus* textual deverá incluir uma diversidade de outros textos para pesquisa e leitura com os quais o leitor possa estabelecer diálogos intertextuais .

Em suma estamos perante uma complexidade processual: o professor, para além de adoptar uma metodologia de leitura diferente, terá de formar um outro leitor cooperativo,

apto a iniciar um processo interpretativo que lhe permita, a partir dos processos retóricos, relacionar o texto jornalístico ao literário.

Seguindo a estratégia argumentativa, o leitor em formação aprenderá com a Antologia Crítica a estabelecer as pontes essenciais para a discussão e problematização dos temas da vida e das realidades apresentadas pela comunicação social.

BIBLIOGRAFIA

- ABRANTES, J. C. (Coord.). (2005). *A Construção do Olhar. Média e Jornalismo*. Lisboa: Livros Horizonte.
- AZEVEDO, C. (1999). *A Censura de Salazar e Marcelo Caetano: Imprensa. Teatro. Cinema. Televisão. Rádio-difusão. Livro*. Lisboa: Editorial Caminho.
- BURN, A., and Parker D. (2003). *Analysing Media Texts*. London/New York: Continuum Research Methods Series.
- CABRERA, A. (2006). *Marcelo Caetano, Poder e Imprensa*. Lisboa: Livros Horizonte.
- CORREIA, F., e Baptista, C. (2007). *Jornalistas do Ofício à Profissão: Mudanças no Jornalismo Português (1956-1968)*. Lisboa: Caminho.
- DEAN, G. (2000). *Teaching Reading in Secondary Schools*. London: David Fulton Publishers.
- GOODWYN, A. (2004). *English Teaching and the Moving Image*. London/New York: Routledge Falmer.
- HART, A., and Hicks, Alun. (2002). *Teaching Media in the English Curriculum*, London: Trentham Books Limited.
- MEDEIROS, N. (2010). *Edição e Editores: O mundo do livro em Portugal 1940-70*. Lisboa: Imprensa Ciências Sociais.
- ROCHETA, M. I., e Martins, S. (Coord.). (2006). *Conto Português (Séculos XIX-XXI): Antologia Crítica*. Lisboa: Edições Caixotim.
- VENÂNCIO, N. (2004). *Crónica Jornalística Século XX*. Lisboa: Círculo de Leitores.

RESUMO

Uma Antologia Crítica deve ser organizada em função de critérios pedagógicos que favoreçam o desenvolvimento do pensamento crítico.

ABSTRACT

A critical anthology should be organized according to pedagogical criteria allowing the fostering of critical reasoning.

